

INSTITUTO SUPERIOR MIGUEL TORGA

Escola Superior de Altos Estudos

REDES SOCIAIS PESSOAIS DE IDOSOS SEGUNDO O SEXO DOS FILHOS

Ana Sofia Malva Rasteiro

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica

Ramo de Especialização em Terapias Familiares e Sistémica

Coimbra, 2015



Redes Sociais Pessoais de Idosos Segundo o Sexo dos Filhos

Ana Sofia Malva Rasteiro

Dissertação apresentada ao Instituto Superior Miguel Torga para obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica, Ramo de Especialização em Família e Intervenção Sistémica.

Orientadora: Professora Doutora Sónia Guadalupe

Coimbra, 2015

AGRADECIMENTOS

Chegando ao final desta jornada, não posso deixar de agradecer a todas as pessoas que contribuíram, direta e indiretamente, na realização deste trabalho.

Aos meus **pais** pelo amor incondicional, pelo apoio e compreensão. Obrigado pela força que sempre me deram para continuar e dar o melhor de mim.

À **Professora Doutora Sónia Guadalupe**, agradeço-lhe por toda a paciência, compreensão, conhecimento, exigência, orientação e dedicação.

Aos **amigos**, pela compreensão e apoio. Principalmente à **Andreia** e à **Alexandra** pela vossa paciência, conhecimento e ajuda.

A todos os **idosos** que se disponibilizaram para colaborar neste projeto de investigação.

Muito obrigada!

RESUMO

Objetivos: O presente estudo tem como objetivo analisar as redes sociais pessoais de idosos portugueses com filhos segundo o sexo da descendência e o sexo do/a idoso/a, relativamente às características estruturais, funcionais e relacionais-contextuais.

Metodologia: Para a avaliação das variáveis em estudo foram utilizados o Instrumento de Análise da Rede Social Pessoal, versão para idosos (IARSP – Idosos) (Guadalupe, 2010; Guadalupe & Vicente, 2012) para avaliar as dimensões da rede social pessoal e um inquérito por questionário para caracterização da amostra a nível sociodemográfico e sociofamiliar.

Participantes: A amostra é constituída por 498 idosos com filhos, com uma média de idades de 75 anos ($DP=7,487$), entre os 65 anos e os 98 anos, maioritariamente do sexo feminino (60,8%), casados ou em união facta (58,4%) e com escolaridade (70,7%). A maioria dos idosos inquiridos reside em aglomerado populacional (90,8%) e não usufrui de apoio de respostas sociais (78,1%).

Resultados: Na análise separámos 3 subamostras: idosos com filhos de ambos os sexos ($n=218$; 43,7%), idosos com filhos do sexo masculino ($n=125$; 25,2%) e idosos com filhos do sexo feminino ($n=155$; 31,2%). Os idosos com filhas apresentam valores mais elevados no apoio material e instrumental ($p = 0,046$), apoio informativo ($p = 0,018$), companhia social ($p = 0,018$) e reciprocidade de apoio ($p < 0,001$). O tamanho da rede é menor no caso dos idosos com filhas comparativamente aos que têm filhos de ambos os sexos ($p = 0,012$). Analisando separadamente as redes das idosas e dos idosos da amostra, assinalamos que nas redes de idosos do sexo masculino apenas houve diferença na reciprocidade ($p = 0,016$), sendo menos recíprocas as redes da subamostra com filhos apenas do sexo masculino; por sua vez, nas redes das idosas houve diferenças no tamanho da rede ($p = 0,015$) e na frequência de contactos ($p = 0,019$) sendo maior nas idosas com filhos de ambos os sexos; na proporção de relações de vizinhança na rede ($p = 0,005$), sendo menor nas idosas que têm filhos de ambos os sexos; no apoio informativo ($p = 0,022$) e na reciprocidade ($p = 0,005$) sendo menores nas idosas com filhos do sexo masculino.

Conclusões: O nosso estudo revela que o sexo dos filhos influencia as redes sociais pessoais dos pais e mães idosos/as a nível funcional, estrutural e relacional-contextual, sobretudo no caso das mulheres idosas, uma vez que as redes das idosas apresentam diferenças nas três dimensões, o que não se verifica nos pais idosos, verificando-se também que os idosos com filhas do sexo feminino têm redes mais centradas nas relações familiares.

Palavras-chave: Rede Social Pessoal, Idoso, pais idosos, filhos, sexo dos filhos, descendência, género.

ABSTRACT

Goals: This study aims to analyze the personal social networks structural, functional and relational-contextual characteristics of Portuguese seniors with offspring, according to their sex.

Methodology: To the variables evaluation, we have used the Personal Social Network Analysis Instrument, Elderly Version (IARSP – Elderly) (Guadalupe, 2010; Guadalupe & Vicente, 2012) in order to evaluate the dimensions of the personal social network, and a questionnaire for demographic description.

Participants: Our sample has 498 seniors with offspring, with an average of 75 years of age ($DP = 7,487$), between 65 and 98 years old, mostly females (60,8%), married (58,4%) with education (70,7%). The majority live on agglomeration (90,8%) and does not have the support of social services (78,1%).

Results: In this analysis we've 3 groups: seniors with sons and daughters ($n = 218$; 43,7%), seniors with male offspring ($n = 125$; 25,2%) and seniors with female offspring ($n = 155$; 31,2%). Seniors with daughters only shows higher values on material and instrumental support ($p = 0,046$), informative support ($p = 0,018$), social company ($p = 0,018$) and reciprocity support ($p < 0,001$). The network size is smaller on senior's with offspring, comparing the ones with sons and daughters ($p = 0,012$). On a separate analysis of the male and female seniors sample, it should be noticed that on the male seniors network there's been a difference on reciprocity only ($p = 0,016$) being less reciprocal the networks from the group exclusively with male sons; on the other end, on the female seniors network with sons and daughters there's been a difference on the network size ($p = 0,015$) and on the contact frequency ($p = 0,019$) being smaller on the seniors with offspring from both sex; on the proportion relation of network neighborhood ($p = 0,005$), smaller on the female seniors with sons and daughters; on informative support ($p = 0,022$) and on the reciprocity ($p = 0,005$), being smaller on the female seniors with male offspring.

Conclusions: Our study reveals that the male and female offspring influences the personal social networks of senior mothers and fathers on a functional, structural and context-relational level, mostly on women, once that their network presents differences in the three dimension, something that does not happen with senior fathers, with the verification that the seniors with daughters do have social networks that are more centered in family relations.

Key-words: Personal social network, seniors, elderly parents, offspring, gender.

Índice

Introdução	1
Redes Sociais Pessoais e Suporte Social em Idosos	2
Idosos com filhos segundo o sexo	6
Objetivos	8
Material e Métodos	8
Análise estatística	10
Amostra	10
Resultados	13
Discussão e Conclusão	20
Bibliografia	25

Tabela 1. Características sociodemográficas da amostra segundo o sexo dos filhos	11
Tabela 2. Características familiares segundo o sexo dos filhos	12
Tabela 3. Número e sexo dos filhos dos idosos da amostra	13
Tabela 4. Estatística descritiva das características estruturais, densidade e características funcionais das redes sociais e pessoais	15
Tabela 5. Características estruturais da rede segundo o sexo dos filhos	16
Tabela 6. Características funcionais da rede segundo o sexo dos filhos	17
Tabela 7. Características relacionais-contextuais da rede segundo o sexo dos filhos	17
Tabela 8. Características das redes dos Homens segundo o sexo dos Filhos	18
Tabela 9. Características das redes das Mulheres segundo o sexo dos Filhos	20

Introdução

Muitas são as abordagens ao envelhecimento, considerando-o como um fenómeno natural, fisiológico e irreversível, um fenómeno que acontece em vários níveis e altera de indivíduo para indivíduo. Com uma dimensão existencial, característica de todas as situações humanas, a velhice modifica também a relação do indivíduo com o tempo, com o mundo e até com a sua própria história (Pimentel, 2001).

Assim, segundo a Biologia, o envelhecimento é considerado como um fenómeno natural, universal e necessário, tornando-se difícil definir a velhice. Neste sentido, deve ser compreendida na sua totalidade, em variadas dimensões, uma vez que integra um momento do processo biológico. Beauvoir (1990, *citado por* Freitas, Queiroz, Sousa, 2010, p.408) considera que “a velhice não poderia ser compreendida senão em sua totalidade; também como um facto cultural”.

Segundo Bernardes (2007), o envelhecimento é um processo construído pelo indivíduo ao longo da sua vida, isto é, entende que a velhice é “socialmente construída” pois não ocorre de um dia para o outro, o que também não permite atribuir-lhe um “conceito absoluto”. Assim, a forma como se dá a representação do envelhecimento na sociedade interfere diretamente sobre o ser que envelhece. Porém, com a passagem do tempo, o idoso já vivenciou muitos acontecimentos marcantes na sua vida, tais como, as mudanças sociais e políticas, assim como as perdas, a perda de entes queridos, as perdas cognitivas e as perdas das funções orgânicas, o que possibilita ao idoso uma maior consciencialização da morte. Por outro lado, este processo de desenvolvimento humano, não é só negativo, há que destacar também aspetos positivos desta etapa da vida, como uma maior experiência de vida, assim como tempo livre e autonomia.

Para Pereira e Roncon (2010), nem sempre o processo de envelhecimento é relacionado com doenças e incapacidades. Uma grande parte de pessoas idosas é afetada por doenças crónicas degenerativas que lhes provocam incapacidade funcional, afetando-lhes a sua relação com o meio envolvente, isto é, com a família e a comunidade (Silva, 2011). Segundo Caldas (2003), o termo “dependência” liga-se a um conceito fundamental na prática geriátrica, a “fragilidade”, que Hazzard *et al.* (1994 *citado por* Caldas, 2003, p. 775) “define como uma vulnerabilidade que o indivíduo apresenta aos desafios do próprio ambiente”.

A Organização das Nações Unidas, considera as sociedades ocidentais como a “era do envelhecimento” desde 1975 a 2025 (Andrade & Martins, 2011, p.186). Referencia ainda que o envelhecimento populacional foi significativo e rápido nos países em desenvolvimento. Desde de 1970 a 2000, o aumento observado nos países em desenvolvimento alcançou os 123%, enquanto nas nações desenvolvidas este aumento foi de 54% (Andrade & Martins, 2011).

Conceptualizando a velhice cronologicamente, para a Organização Mundial da Saúde (1992), o limite de idade que define o indivíduo como idoso é de 65 anos, ou acima desta idade, nos países desenvolvidos e de 60 anos, ou acima desta idade, nos países subdesenvolvidos (Pinto, 2012).

Demograficamente o agudizar do envelhecimento populacional tem trazido maior relevância ao estudo desta população. Segundo os dados do Instituto Nacional de Estatística (2011) deparamo-nos atualmente com uma população residente em Portugal de 10 562 178 pessoas, em que 5 046 600 são homens e 5 515 578 são mulheres. As análises realizadas indicam que Portugal perderá população até 2060. Em 2012 existia 10,4 milhões de residentes estimando-se que passe para os 8,6 milhões de residentes até 2060. A par das alterações da estrutura etária da população, espera-se igualmente um forte declínio da mesma resultando num continuado e considerável envelhecimento demográfico. O aumento continuado da esperança de vida, a redução da mortalidade infantil, o aumento da emigração, a queda acentuada da fecundidade e o conseqüente envelhecimento da população são fatores que caracterizam as tendências demográficas na atualidade. Assim, entre o ano de 2012 e o de 2060, o índice de envelhecimento aumentará de 131 para 307 idosos por cada 100 jovens, bem como, o índice de sustentabilidade passará de 340 para 149 pessoas em idade ativa por cada 100 idosos (INE, 2014).

Para Pimentel (2005), o envelhecimento demográfico em Portugal evidencia-se na década de 60 com a guerra em África e com a emigração dos jovens. No entanto, a partir da década de 80, o envelhecimento destaca-se com a diminuição da natalidade e da mortalidade (Andrade & Martins, 2011).

Com o envelhecimento deparamo-nos com um aumento dos chamados “ninhos vazios”, que segundo Arriagada (1997), são definidos como famílias constituídas por um casal, em que o cônjuge tem idade superior a trinta e cinco anos, sem filhos inseridos no mesmo agregado familiar; na maioria dos casos, os filhos já construíram a sua família, emigraram ou vivem a sua independência. De facto, a diminuição da fecundidade, o desenvolvimento da industrialização e da urbanização, o papel da mulher a nível social e laboral, proporcionaram o afastamento dos laços familiares relativamente à família de origem deixando apenas tempo para a família nuclear (Camarano & Ghaouri, 2002).

Redes Sociais Pessoais e Suporte Social em Idosos

É nos últimos anos que a noção de rede social é fortemente aplicada em diferentes contextos, em que a diversidade de conceitos de rede social é grande, no entanto, convergem uns com os outros fazendo coincidir as tipologias e objetivos (Guadalupe, 2001). Para Sluzki (1996 citado por Vicente & Sousa, 2012, p. 102), foram, pois, muitos os autores que

contribuíram para o desenvolvimento do conceito de redes sociais, permitindo caracterizá-la como “uma estrutura de complexidade variável constituída por nódulos, geralmente pessoas, e laços, usualmente as relações entre essas pessoas”.

Segundo Wellman (1981), as redes sociais são como um conjunto de nós, que podem ser pessoas, grupos, empresas e outras instituições, com laços de ligações entre os nós (Guadalupe, 2001). Já para Speck e Attneave (1990), a rede social pessoal deve ser observada conforme o próprio ator, mas extensível a todo o seu núcleo relacional (Mendes, 2011). Também Sluzki (1996, citado por Mendes, 2011, p. 9) refere que uma rede social pessoal é constituída pelos atores em interação e mais significativos, correspondendo “ao nicho interpessoal do indivíduo que contribui substancialmente para o seu próprio reconhecimento e autoimagem”. Para Nunes (1999, citado por Martins, 2005, p. 128), o apoio social consiste em “apoio instrumental e emocional, *feedback*, aconselhamento, interação positiva, orientação, confiança, socialização, sentimento de pertença, informação, assistência maternal, etc”. Mas, Guadalupe (2003, p. 69) cita uma definição bem mais genérica para nos demonstrar a conceptualização de redes sociais: “sistemas particulares de relações que unem atores sociais”, pelo que estas assumirão diferentes formas, de acordo com o tipo de laços e o tipo de atores sociais implicados.

A ideia de rede social permite-nos inscrever o ser humano não só no contexto familiar como no quadro mais alargado dos diferentes sistemas sociais. Pode ser constituída por indivíduos que estão ligados por laços informais, isto é, por indivíduos que têm afinidades pessoais num quadro não institucional onde os vínculos são essencialmente de natureza afetiva, correspondendo a uma rede primária, ou, pelo contrário, pode ser constituída por relações geradas num quadro institucional e marcadas por laços formais, numa rede secundária cujo objetivo essencial é o de responder a exigências de natureza informal, fornecendo serviços (Guadalupe, 2003).

Guadalupe (2003) alude às redes primárias como “um conjunto natural de indivíduos em interação uns com os outros [...] [que] formam a trama de base da sociedade e o meio de inserção do individuo (Guédon 1984, cit *in* Guadalupe 2003, p.70), revestidas por um carácter dinâmico, numa dimensão espaço-temporal, fazendo-as flutuar e modificar de acordo com fenómenos como a idade, a doença, as mobilidades residencial, estudantil, laboral ou até mesmo migratória, mas sempre em conformidade com o que a autora apelida de “núcleo-duro”, isto é, a família, que “será sempre uma referência na nossa rede social, porque os laços familiares têm a característica da estabilidade temporal e o carácter de permanência” (Guadalupe 2003, p. 71). Tendo em conta o laço mantido com o indivíduo central numa rede primária, em relação à sua classificação, é possível aferir a existência de redes de parentesco (tendo por base a afinidade), de vizinhança, de amizade e atendendo às “particularidade

sociológicas dos seus membros, é possível classifica-las em função da idade, sexo, raça e nível socioeconómico.

Quanto às redes secundárias, Guadalupe (2003), tal como Blanchet (1981) considera que correspondem ao “conjunto de pessoas reunidas por uma mesma função, num quadro institucionalizado” (Blanchet et al. 1981, cit *in* Lacroix 1990 p.79; cit *in* Guadalupe 2003, p. 71) e que “este tipo de rede social terá com objetivo essencial a resposta a exigências de natureza funcional, isto é, o fornecimento de serviços.” (Guadalupe 2003, p. 72). Estas redes podem, segundo a mesma, serem “consideradas formais ou informais, consoante o seu nível de estruturação, objetivos a cumprir e relações estabelecidas no seu seio”, sendo que, as formais correspondem a “laços institucionais, num âmbito estruturado e de existência oficial” e as informais correspondem à “inexistência do carácter oficial e estruturado e pela inexistência de uma divisão rígida de papéis” (idem 2003, p. 73).

Cada um dos vínculos anteriormente identificados pode ter uma ou mais funções. É a sua repetição bem-sucedida que inscreverá cada função na história relacional dos sujeitos em questão. A diversidade de definições existentes evidencia igualmente aspetos comuns e aspetos divergentes entre vários autores, relativamente às funções de apoio social, mas é o modelo simples e integrador apresentado por Barrón (1996) que merece aqui a nossa atenção. Para este autor, as funções de apoio social passam pelo (1) apoio social, (2) apoio material e instrumental (3) e apoio de informação. O apoio emocional diz respeito à disponibilidade de alguém com quem se pode falar, inclui as condutas que fomentam sentimentos de bem-estar afetivo que fazem com que o sujeito se sinta querido, amado e respeitado através de expressões ou demonstrações de amor, afeto, carinho, simpatia, empatia e estima (idem). O apoio material e instrumental caracterizado por ações ou materiais proporcionados por outras pessoas e que servem para a resolução de problemas práticos e/ou facilitar a realização de tarefas quotidianas (idem). O apoio de informação que se refere ao processo através do qual as pessoas recebem informações ou orientações relevantes que as ajuda a compreender o seu mundo e/ou ajustar-se às alterações que existem nele (idem).

Como decorre da conceptualização efetuada, podemos afirmar que as redes variam consoante o recurso e que é frequente encontrar termos diferentes, mas que pretendem significar aspetos semelhantes, isto é, se para uns a terminologia adotada é a de redes formais e redes informais, outros optaram por lhes chamar redes primárias e redes secundárias. Também é reportada a existência de uma especialização no interior da rede: aos parentes atribuem-se umas funções, aos amigos, outras; às mulheres cabe um papel, aos homens, outros; dos laços fortes espera-se uma coisa, dos laços fracos, outras (Portugal, 2014). As redes variam também com o tempo: alguns laços estão sempre ativos, outros apenas às vezes. As redes configuram-se e reconfiguram-se, não apenas consoante a perspetiva de análise, mas também consoante as

necessidades, as circunstâncias e as posições estruturais das pessoas (Portugal, 2014). Apesar da diversidade na morfologia das redes, é possível encontrar algumas características transversais que emergem na análise da identificação dos “nós”: a primeira, prende-se com a clara distinção entre as relações de parentesco e as restantes relações sociais – existe a família e existem “os outros”. Os laços familiares representam segurança, permanência, confiança. Por oposição, os “outros” laços estabelecidos fora do parentesco são muitas vezes alvo de desconfiança e insegurança (Portugal, 2014).

Todavia, é relativamente aos idosos que as redes sociais assumem uma maior e crucial importância dado que o sentimento de ser amado e valorizado levam a ajudar a escapar ao isolamento a que estão sujeitos. Assim, também o debate gerado em torno do envelhecimento e das respostas sociais de apoio aos cidadãos idosos, tem adquirido nos últimos anos e particularmente nas sociedades ocidentais, crescente atualidade de relevância. À semelhança do que acontece com indivíduos de outras faixas etárias, a existência de redes de suporte social são um importante elemento de bem-estar e saúde física e mental dos idosos, na medida em que exercem um papel relevante na atividade social dos mesmos. Explorando os aspetos positivos das redes, afirma-se que as suas funções de sociabilidades e de apoio recíproco/unilateral não só ajudam a combater o isolamento social dos idosos, como também contribuem para a promoção de um envelhecimento ativo e saudável por via da intensificação da vida social (Portugal, 2014).

No âmbito dessas redes a família surge como o centro de todo o apoio recebido e prestado, embora o seu carácter “não voluntário” possa introduzir efeitos complexos e nem sempre positivos, na qualidade de vida dos idosos. No entanto, é possível verificar aspetos importantes para a compreensão da ação das redes neste domínio: a resistência das famílias à institucionalização dos idosos; a definição das obrigações no interior da rede; a importância das relações intergeracionais na prestação de cuidados aos mais velhos; o papel polarizador da mulher nesta tarefa. Na resistência forte à institucionalização dos idosos um dos argumentos que sustentam esta posição é a ideia de que a família tem a obrigação de cuidar dos mais velhos, que por sua vez revelam duas características fundamentais de funcionamento das redes neste domínio: a incorporação da obrigação dos filhos cuidarem dos pais e uma profunda desigualdade sexual no modo como é traduzida na prática essa obrigação. A obrigação de cuidar é sentida pelos dois sexos, o trabalho de cuidar é apenas das mulheres (Portugal, 2014).

Idosos com filhos segundo o sexo

A família é o ponto fulcral e elementar do indivíduo ao longo do seu desenvolvimento de vida. Contudo, o tipo de relações presentes entre os idosos e os seus familiares, ainda se encontra pouco estudada (Rodrigues, 2000). Quando refletimos sobre o conceito família, entendemos esta como o lugar onde nascemos, crescemos e morremos. A família pode ter muitas definições, mas o mais importante é que seja vista como um “todo”, como emergência dos elementos que a constituem tornando-a uma e única (Alarcão, 2000). Logo, o ambiente familiar é caracterizado como essencial para o bem-estar dos idosos, onde estes podem encontrar apoio e intimidade perante as diversas situações que podem ocorrer nesta fase do ciclo vital. Para Assis e Amaral (2010), a rede de apoio primordial é a família, permitindo ao idoso a assistência necessária perante as suas dificuldades e necessidades (Araújo, *et al.* 2012). É a permanência das relações familiares, garantida pelo laço biológico, isto, é, pelos filhos e/ou netos, que permite em larga medida, a construção da confiança e do compromisso mútuo e constituem verdadeiras âncoras instrumentais e afetivas para os idosos (Portugal, 2014).

Na sociedade contemporânea a mulher passou a ter um papel socialmente mais ativo, abandonando os papéis femininos tradicionais, como por exemplo, o de dona de casa, mãe e esposa entre outros. Mas, embora as mulheres sempre tivessem um papel central nas famílias, em que estas cuidariam das necessidades dos outros, dos maridos, dos filhos e dos idosos, segundo Silva (1983) e André (1993) desde os anos 60 que as mulheres têm ocupado o papel do homem no mercado de trabalho e no ensino, proporcionando grandes mudanças sociais, bem como, o seu afastamento da sua própria família. Porém, a evolução do papel feminino ainda se encontra muito aquém da igualdade social em relação ao homem, tanto ao nível de remunerações salariais como ao nível de promoções de topo nas carreiras profissionais. Todavia, com este progresso social da mulher, o homem passou a ter um papel mais ativo a nível doméstico e parental (Wall & Amâncio, 2007).

Na sociedade atual, são muitos os mitos sobre a família no apoio ao idoso, tais como o não ter família, com contactos infrequentes, obrigatórios e conflituosos, assim como, o seu abandono em instituições, mitos esses erroneamente formulados (Carter & McGoldrick, 1995). De facto, para a maioria dos indivíduos os relacionamentos familiares, os laços emocionais e o apoio continuam a ser importantes nesta etapa de vida, o que significa, uma necessidade de reorganização e reorientação tanto para os idosos como para os seus familiares (Carter & McGoldrick, 1995). Então, para Fernandes (2001), a família é o centro primordial das partilhas intergeracionais, é o ponto de trocas e de entajuda, onde as gerações se deparam de forma intensa, assim como para Araújo (2010, *citado por* Araújo *et al.*, 2012, p. 98), que defende que apesar das mudanças perante diversas situações a família “continua sendo um local de extrema importância para nutrir afetos e proteção aos idosos”, o que é reforçado por Caldas (2003, p.

774) quando refere que, “com a falência do sistema previdenciário, a família vem progressivamente se tornando a única fonte de recursos disponível para o cuidado do idoso dependente”.

Na civilização ocidental, a família é considerada como o principal apoio aos idosos com dependências físicas e/ou mentais. Segundo Walker (1995) 80% dos cuidados prestados aos idosos é assistido pela família. Já para Anderson (1992, citado por Figueiredo, 2007, p.24) esta situação ocorre porque a família é considerada culturalmente o “centro da tradição da responsabilidade coletiva pela prestação de cuidados”.

Segundo Huckle (1994), Rodriguez e Castiello (1995), Ford *et al.* (1997) e Paúl (1997), 80% da prestação de cuidados aos idosos são realizadas por pessoas do sexo feminino, em primeiro lugar pelas filhas, sendo, no caso de filhos homens a prestação de cuidados assegurada geralmente pelas noras, as esposas também estão presentes nos cuidados, assim como, outros graus de parentesco do sexo feminino (Brito, 2002).

Relativamente à situação em Portugal, segundo Sousa e Figueiredo (2007), a família permanece igualmente como o suporte fundamental do idoso, verificando-se também, na cultura portuguesa, a predominância dos membros do sexo feminino, com o encargo da prestação de cuidados aos elementos mais idosos (Figueiredo, 2007). Assim, a combinação destes fatores resulta que na intervenção da rede nos cuidados dos idosos predominam os laços de descendência feminina, sendo que é também um domínio onde a consanguinidade predomina sobre os laços de aliança, na definição das obrigações e dos afetos, pois havendo filhas não se “matam” as noras, cuja explicação radica do facto do laço mãe-filha ser o pilar de grande parte das trocas e apoios que alimentam a família, e dado que os fluxos de ajuda são maioritariamente descendentes, a velhice dos pais é a ocasião que permite a inversão da assimetria estabelecida no decorrer do ciclo de vida, isto é, a promoção de um certo paternalismo (Portugal, 2014).

Para Alvarez & Gonçalves (2001), são muitos os fatores que contribuem para que uma pessoa assuma o papel de cuidador principal, nomeadamente o da obrigação moral, fundamentada em aspetos culturais e religiosos e a condição de conjugalidade. Para além destes fatores, o papel de cuidador principal pode ser assumido não por obrigação, mas sim por necessidade financeira, em que o cuidador perante uma situação de desemprego, assume esse papel em troca de algum sustento (Gonçalves, *et al*, 2006). Já para Spleen (1990), um idoso com problemas de saúde, viuvez, ou falta de recursos financeiros que o impossibilita de viver sozinho tem mais tendência a viver com uma filha casada (Bazo, 2008).

Em suma “a dependência de um familiar idoso gera impacto na dinâmica, na economia familiar e na saúde dos membros da família que se ocupam dos cuidados” (Caldas, 2003, p. 779). Como refere Brito (2002), citando autores como Fadden *et al.* (1987), Cook *et al.* (1996) e

Goodman *et al.* (1997), estes defendem que os familiares que prestam cuidados aos idosos dependentes durante muito tempo podem vir a sofrer alterações adversas em diversas áreas da sua vida como, alterações na vida familiar e social, problemas económicos e laborais, e alterações a nível físico e mental. Já para Paúl (1997), fundamentando-se na análise de Braithwaite (1992), a prestação de cuidados a idosos difere substancialmente da prestação de cuidados a crianças ou jovens, por várias razões, pois “quem cuida está consciente da situação de contínuo agravamento e degeneração do familiar que recebe cuidados, muitas vezes antevendo o seu próprio futuro, mais ou menos próximo; a relação prévia com o familiar idoso e a inversão de papéis que frequentemente ocorre aumentam a probabilidade de conflitos; raramente a responsabilidade da prestação de cuidados é partilhada por mais de uma pessoa, para além de também raramente corresponder a uma situação de escolha assumida” (Brito, 2002, p. 31).

Objetivos

A presente dissertação integra o Projeto de Investigação “Redes Sociais Pessoais de Idosos”, em desenvolvimento no Departamento de Investigação & Desenvolvimento do ISMT e no Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade (CEPESE). O estudo pretende descrever e tipificar as redes sociais dos idosos portugueses quanto às suas características estruturais, funcionais e relacionais-contextuais, analisando intercessões com variáveis demográficas, familiares, relacionais, socioprofissionais, psicológicas, de saúde e de participação social. Integra diversos estudos seccionais, utilizando as metodologias quantitativas e de análise de redes sociais.

Para o nosso estudo foi definido o seguinte objetivo: descrever e analisar as características estruturais, funcionais e relacionais-contextuais das redes sociais pessoais de idosos segundo o sexo dos filhos.

Material e Métodos

O presente estudo integra o Projeto de Investigação “Redes Sociais Pessoais de Idosos” da responsabilidade das Professoras Doutoradas Sónia Guadalupe, Fernanda Daniel, Inês Amaral e Professor Doutor Henrique Vicente.

O projeto de investigação integrou em 2015 uma equipa de cinco licenciado(a)s, a desenvolver as suas dissertações de mestrado em Psicologia Clínica e Serviço Social.

O projeto de investigação “Redes Sociais Pessoais de Idosos” utiliza um protocolo de recolha de dados com 8 secções de questões: 1- Características sociodemográficas e familiares; 2- Características socioprofissionais e de aposentação; 3- (E)Migração; 4- Saúde e qualidade de

vida; 5- Solidão e depressão; 6- Satisfação com a vida, com relações interpessoais e coping resiliente; 7- Participação social; 8- Rede Social Pessoal.

Este protocolo inclui nove instrumentos padronizados, em versão integral ou parcial¹. No nosso estudo utilizámos o IARSP – Instrumento de Análise da Rede Social Pessoal (Guadalupe & Vicente, 2012) adotado especificamente para o presente protocolo de investigação, sendo este um instrumento multidimensional que possibilita a recolha de informação acerca da rede social pessoal do sujeito inquirido. É um instrumento composto por um conjunto de itens que permite caracterizar a rede quanto aos aspetos estruturais como, o Tamanho da Rede (*refira o nome das pessoas com que se relaciona, são significativas na sua vida e o/a apoiam*); a Proporção das Relações (*refira o vínculo que a pessoa tem consigo: Família, Amigo, Vizinho, Relação de trabalho/estudo e Técnico*) e a Densidade na Rede (*destas pessoas que referiu, se reconheceriam mutuamente caso se encontrassem na rua*).

Quanto aos aspetos funcionais avalia o Apoio Emocional (estima-o(a), dá-lhe afeto e carinho num clima de simpatia e compreensão); o Apoio Material e Instrumental (ajuda-o(a) nas coisas do dia-a-dia, empresta-lhe dinheiro ou bem em caso de necessidade); o Apoio Informativo (dá-lhe informações úteis, esclarece-o(a) e diz-lhe onde deve recorrer); a Companhia Social (faz-lhe companhia); o Acesso a Novos Contactos (indica-lhe a quem deve recorrer e/ou apresenta-lhe pessoas novas), estas características funcionais são cotadas numa escala de 1 a 3, em que (1) nenhum; (2) algum; (3) muito.

No que diz respeito às características funcionais consta ainda de um conjunto complementar de questões que permite recolher informação acerca da Reciprocidade de Apoio (*pensando no apoio que dá a estas pessoas que referiu, pode afirmar que: dá apoio à maior parte destas pessoas; dá apoio a algumas destas pessoas; dá apoio a poucas destas pessoas; não dá apoio a nenhuma destas pessoas*), da mudança percebida no tamanho da rede com a aposentação (*pensando nas pessoas que têm sido significativas na sua vida, considera que, desde que se aposentou o número de pessoas com que se relaciona: é muito menor do que antes; é menor do que antes; é aproximadamente o mesmo; é maior do que antes; é muito maior do que antes*), das perdas (*nos últimos anos perdeu alguém importante para si, que colocaria na rede? sim ou não; quem perdeu e o motivo*) e dos cortes relacionais (*ao longo da sua vida, cortou relações com pessoas importantes para si (familiares e amigos, p.ex.)? sim ou não; com quem cortou relações e o motivo*), da satisfação com a rede (1- nada; 2- pouco; 3- muito), da satisfação

¹ Inventário de Satisfação com a Reforma (Fonseca & Paul, 1999); MHI-5 – Mental Health Inventory (Ribeiro, 2001); Geriatric Depression Scale GDS Short Form 15 (Yesavage et al., 1983; Almeida & Almeida, 1999); Escala de Solidão da UCLA (Neto, 1989); SWLS – Satisfaction With Life Scale (Diener, 1985) Coping Resiliente (Sinclair & Wallston, 2003); EasyCare (2010); WHOQOL (OMS; Canavarro et al., 2006); IARSP - Idosos (Guadalupe & Vicente, 2012).

com o suporte social (1- nada; 2- pouco; 3- muito) e se tem cuidador (Informal e quem cuida; Formal a instituição que cuida).

Quanto aos aspetos contextuais é composto pela Frequência de Contactos (1- diariamente; 2- algumas vezes por semana; 3- semanalmente; 4- algumas vezes por mês; 5- algumas vezes por ano), pela Dispersão Geográfica (vive: 1- na mesma casa; 2- no mesmo bairro/rua; 3- na mesma terra; 4- até 50km; 5- a mais de 50km), pela Durabilidade da Relação (*refira há quanto tempo conhece ou mantém um relacionamento com cada elemento*), pela Homogeneidade de Género (*refira o sexo de cada elemento*) e pela Etária na Rede (*refira qual a faixa etária de cada elemento*).

Portanto, o IARSP dá informação acerca da caracterização da rede nas suas dimensões estrutural, funcional e relacional-contextual (Guadalupe, 2009).

Análise estatística

Para o tratamento estatístico dos dados utilizamos o programa informático *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), versão 17.0 para Windows. Os procedimentos estatísticos foram eleitos de acordo com os objetivos e as hipóteses do estudo, assim como, do tipo de variáveis em causa.

Recorremos ao teste do Qui-quadrado para explorar associações entre os níveis de confiança e as variáveis sociodemográficas da amostra. Atendendo à violação da normalidade de distribuição das variáveis dependentes, o teste de H Kruskal Wallis foi usado para testar diferenças das médias entre os três grupos, nomeadamente entre as características estruturais e funcionais da amostra e o nível de confiança nas pessoas com quem se relacionam. Logo que se tenham verificado diferenças na análise anterior procedeu-se a testes *post-hoc* para os pares de grupos possíveis usando o teste U Mann-Whitney.

Amostra

A amostra é constituída por 498 indivíduos de ambos os sexos, com idades iguais ou superiores a 65 anos de idade, com filhos. É uma amostra composta maioritariamente pelo sexo feminino (n= 303, 60,8 %), sendo o sexo masculino representado por 39,2% do total da amostra (n=195). As idades dos idosos apresentam um mínimo de 65 anos e um máximo de 98 anos, a média de idades é de 75 anos. Relativamente ao estado civil 58,4% (n=290) são casados e/ ou em união de fato, 36% (n=179) são viúvos, 4,6% (n=23) são divorciados, 0,8% (4) são solteiros, 0,2% (1) são viúvos em união de fato. No que se refere ao apoio de respostas sociais, a maioria dos idosos, 78,1% (389), refere não ter qualquer tipo de apoio, já 21,9% (109) referem ter apoio de respostas sociais. Quanto à zona de residência 90,8% (452) é inserida em aglomerado populacional e 9,2% (46) é isolada.

Após termos apresentado os dados relativos às variáveis sociodemográficas, fomos testar se estas variáveis se associam com o sexo dos filhos, distribuindo-se as suas frequências pelas três subamostras em comparação, os idosos com filhos de ambos os sexos, idosos com filhos do sexo masculino e idosos com filhos do sexo feminino, avaliando a sua associação significativa através de testes do Qui-quadrado, tendo este revelado uma associação apenas a nível de escolaridade ($p = 0,021$). Através dos testes de Phi e de VCramer, que avaliam a força da associação entre as variáveis e as diferenças nas proporções nas categorias pela subamostras, verificámos um valor significativo apenas entre o sexo dos filhos e a escolaridade (Phi = 0,125; $p = 0,021$ e VCramer = 0,125; $p = 0,021$).

Tabela 1.*Características sociodemográficas da amostra segundo o sexo dos filhos*

	Filhos Ambos Sexos n=218 (43,8%)	Filhos só do Sexo Masculino n=125 (25,1%)	Filhos só do Sexo Feminino n=155 (31,1%)	Total N=498 (100%)	Testes
	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)	
Sexo					$\chi^2 = 1,860$
Masculino	78 (15,7)	52 (10,4)	65 (13,1)	195 (39,2)	gl = 2
Feminino	140 (28,1)	73 (14,7)	90 (18,1)	303 (60,8)	$p = 0,395$
Idade (medidas descritivas)	M=76,06 DP=7,115 Min= 65; Máx= 95	M=75,42 DP=7,939 Min= 65; Máx= 92	M=74,74 DP=7,603 Min= 65; Máx= 98	M=75,49 DP=7,487 Min= 65; Máx= 98	$\chi^2 = 3,87$ gl=2 $p=0,145$
Estado civil					$\chi^2 = 3,543$
Solteiro/a	2 (0,4)	1 (0,2)	1 (0,2)	4 (0,8)	gl=8
Casado/a ou em união de facto	121 (24,3)	75 (15,1)	94 (18,9)	290 (58,4)	
Viúvo/a	84 (16,9)	43 (8,7)	52 (10,5)	179 (36)	$p=0,896$
Divorciado/a	10 (2)	6 (1,2)	7 (1,4)	23 (4,6)	
Viúvo/a em união de facto	0 (0)	0 (0)	1 (0,2)	1 (0,2)	
Apoio de serviços					$\chi^2 = 1,945$
Não	166 (33,3)	96 (19,3)	127 (25,5)	389 (78,1)	gl = 2
Sim	52 (10,4)	29 (5,8)	28 (5,6)	109 (21,9)	$p = 0,378$
Zona de Residência					$\chi^2 = 0,488$
Isolada	18 (3,6)	13 (2,6)	15 (3)	46 (9,2)	gl=2
Inserida em aglomerado populacional	200 (40,2)	112 (22,5)	140 (28,1)	452 (90,8)	$p=0,784$
Escolaridade					$\chi^2 = 7,083$
Sem escolaridade	73 (14,7)	40 (8,0)	33 (6,6)	146 (29,3)	gl=2
Com escolaridade	145 (29,1)	85 (17,1)	122 (24,5)	352 (70,7)	$p=0,021$

Notas: n= número total de sujeitos; χ^2 = teste qui quadrado; gl= graus de liberdade; p = nível de significância; M= média;

DP= desvio padrão; min.= mínimo; máx.= máximo

Na tabela 2 apresentamos os resultados relativos às características familiares segundo o sexo dos filhos. No que diz respeito à composição familiar, verifica-se que os idosos que vivem em casal são maioritários (n=193; 38,8%) relativamente às restantes composições. Tendo em conta os idosos que vivem em casal mais família alargada (n=95; 19,1%), verificou-se que esta situação é mais elevado nos idosos com filhos de ambos os sexos 42 (8,5%), do que nos idosos com filhos do sexo masculino 27 (5,4%) e do que nos idosos do sexo feminino 26 (5,2%).

Relativamente aos idosos com composição unipessoal ($n= 89$; 17,9%), verifica-se que são mais os idosos com filhos de ambos os sexos 40 (8%) que vivem sozinhos, do que os idosos com filhos do sexo masculino 24 (4,8%) e os idosos com filhos do sexo feminino 25 (5%). No que diz respeito ao individuo mais família alargada ($n=72$; 14,5%), verifica-se que são mais os idosos com filhos de ambos os sexos 35 (7%) e os idosos com filhos do sexo feminino 23 (4,6%) que vivem com a família alargada relativamente aos idosos com filhos do sexo masculino 14 (2,8%). Quanto aos idosos que não vivem em contexto familiar, verifica-se que são mais os idosos com filhos de ambos os sexos 17 (3,4%) que não vivem com a família, seguidos dos idosos com filhos do sexo feminino 9 (1,8%) e dos idosos com filhos do sexo masculino 7 (1,4%).

Quanto aos idosos que vivem só ou não vivem só, verifica-se que os idosos que não vivem só são maioritários ($n=407$; 81,7%) e os idosos que vivem só são minoritários (91; 18,3%).

Na variável de tamanho do agregado familiar verificou-se que este é semelhante em todos os subgrupos ($M=2,30$).

Tabela 2.*Características familiares segundo o sexo dos filhos*

	Filhos Ambos Sexos $n=218$ (43,7%) n (%)	Filhos só do Sexo Masculino $n=125$ (25,2%) n (%)	Filhos só do Sexo Feminino $n=155$ (31,2%) n (%)	Total $N=498$ (100%) n (%)	Testes
Tipo de Família Quanto a Composição					
Unipessoal	40 (8)	24 (4,8)	25 (5)	89 (17,9)	
Casal	78 (15,7)	47 (9,5)	68 (13,7)	193 (38,8)	
Casal mais família alargada	42 (8,5)	27 (5,4)	26 (5,2)	95 (19,1)	$\chi^2=11,108$ $gl=14$ $p=0,678$
Individuo mais família alargada	35 (7)	14 (2,8)	23 (4,6)	72 (14,5)	
Outros	3 (0,6)	5 (1)	3 (0,6)	11 (2,2)	
Não vive em contexto familiar	17 (3,4)	7 (1,4)	9 (1,8)	33 (6,6)	
Vive em instituição com familiares	0 (0)	0 (0)	1 (0,2)	1 (0,2)	
Outra situação	2 (0,4)	1 (0,2)	0 (0)	3 (0,6)	
	$n=218$ (43,8%)	$n=125$ (25,1%)	$n=155$ (31,1%)	$N=498$ (100%)	
Vive					
Vive só	41 (8,2)	25 (5)	25 (5)	91 (18,3)	$\chi^2=0,769$ $gl=2$ $p=0,681$
Não vive só	177 (35,5)	100 (20,1)	130 (26,1)	407 (81,7)	
	$n= 196$	$n= 117$	$n= 146$	$N= 459$	
Tamanho do agregado familiar					
	$M=2,32$ $DP=1,280$ Min=0; Máx=7	$M=2,26$ $DP=1,125$ Min=0; Máx=7	$M=2,31$ $DP=1,349$ Min=0; Máx=6	$M=2,30$ $DP=1,263$ Min=0; Máx=7	$\chi^2=0,129$ $gl=2$ $p=0,937$

Notas: n = número total de sujeitos; χ^2 = teste qui quadrado; gl = graus de liberdade; p = nível de significância; M = média;

DP = desvio padrão; min.= mínimo; máx.= máximo

Resultados

Na tabela 3 apresentamos os resultados relativos ao número e ao sexo dos filhos dos idosos da amostra.

Os idosos com filhos de ambos os sexos têm mais filhos comparativamente aos que têm filhos do sexo masculino ($p < 0,001$) e aos que têm filhos do sexo feminino ($p < 0,001$), não havendo diferenças no número de filhos entre os idosos com filhos apenas do sexo masculino ou apenas do sexo feminino ($p = 0,230$).

Relativamente ao número de filhas não há diferenças entre os idosos que têm filhos de ambos os sexos comparativamente aos que têm apenas filhas ($p = 0,667$), no que diz respeito ao número de filhos, este é maior nos idosos que têm apenas filhos comparativamente aos que têm filhos de ambos os sexos ($p = 0,022$).

Tabela 3.

Número e sexo dos filhos dos idosos da amostra

	Filhos Ambos Sexos n=218 (43,7%) n (%)	Filhos só do Sexo Masculino n=125 (25,2%) n (%)	Filhos só do Sexo Feminino n=155 (31,2%) n (%)	Total N=498 (100%) n (%)	Testes
Numero Total de Filhos	M=3,17 DP=1,457 Min=1; Máx=10	M=1,70 DP=0,825 Min=1; Máx=5	M=1,57 DP=0,693 Min=1; Máx=5	M=2,30 DP=1,355 Min=1; Máx=10	H=201,295 gl = 2 p=0,000
Número de filhos por Sexo					
Filhas	M=1,60 DP=0,841 Min=1; Máx=5		M=1,57 DP=0,691 Min=1; Máx=5	M=1,58 DP=0,780 Min=1; Máx=5	H=0,185 gl = 1 p=0,667
Filhos	M=1,59 DP=1,026 Min=1; Máx=8	M=1,70 DP=0,823 Min=1; Máx=5		M=1,63 DP=0,957 Min=1; Máx=8	H=5,284 gl = 1 p=0,022

Notas: n= número total de sujeitos; H=Kruskal-Wallis; gl= graus de liberdade; p= nível de significância; M= média;

DP= desvio padrão; min.= mínimo; máx.= máximo

Na tabela 4 apresentamos as características das redes sociais pessoais dos idosos da amostra. Verificou-se que relativamente ao tamanho da rede, apresenta um tamanho médio de 8,23 indivíduos (tendo o valor mínimo 1 e o valor máximo 4). Relativamente às proporções dos campos relacionais na rede, verificou-se que a proporção das relações familiares na rede apresenta um valor médio maior (M=80,61; DP=23,65) do que os restantes campos, sendo as proporções das relações de trabalho na rede a mais baixa (M=0,58; DP=3,80). O nível de densidade da rede indica uma elevada coesão coesa, visto que mais de 95% dos membros das redes, em média, estão interconectados entre si (M=96,68; DP=10,40).

No apoio social percebido os idosos podiam responder de 1 a 3 em que 1 corresponde a “nenhum”, 2 a “algum” e 3 a “muito”, assim o apoio dado pela rede aos idosos do nosso estudo varia entre “algum” e “muito”, sendo que nas características funcionais, o apoio emocional é o que apresenta uma média mais elevada ($M=2,66$; $DP=0,39$). Encontramos ainda, nas características funcionais o *apoio informativo* ($M=2,39$; $DP=0,49$) e o acesso a novos contactos ($M=2,20$; $DP=0,61$) que indicam valores de um apoio percebido entre o mínimo de 1 ponto e o máximo de 3 pontos. A reciprocidade de apoio ($M=39,88$; $DP=10,77$), o que indica que os idosos do nosso estudo “dão apoio a algumas destas pessoas” mencionadas na sua rede e a satisfação com a rede que apresenta ($M=2,85$; $DP=0,37$) o que significa que os idosos estão “muito” satisfeitos com a sua rede social pessoal. No que se refere às características relacionais – contextuais, verifica-se que a frequência de contactos podia ser cotada de 1 a 5 (1 - “diariamente”, 2-“algumas vezes por semana”, 3-“semanalmente”, 4-“algumas vezes por mês” e 5-“algumas vezes por ano”), apresenta uma média de 2,16 o que revela que os idosos e os respetivos elementos da rede se encontram “algumas vezes por semana”. Relativamente à residência ($M=2,80$; $DP=0,89$), verificou-se que os idosos tendem a viver “no mesmo bairro/rua” ou “na mesma terra” (tendo em conta que a variável é cotada entre 1- “na mesma casa”, 2- no mesmo bairro/rua”, 3- “na mesma terra”, 4- “até 50 km” e 5 - “mais do que 50kms”). No que se refere à durabilidade média das relações é de 39 anos ($M=39,88$; $DP=10,77$), indicando forte estabilidade nos vínculos.

Através da análise de outras características da rede, verificou-se que relativamente à variável “sexo na rede” podemos referir que a rede é maioritariamente heterogénea quanto ao sexo ($n=332$; 66,7%). No que diz respeito à “idade na rede”, podemos referir que a rede é maioritariamente heterogénea quanto à idade ($n=282$; 56,6%). Quanto ao tipo de densidade da rede, verifica-se que os idosos apresentam maioritariamente redes coesas ($n=443$; 89%).

Tabela 4.

Estatística descritiva das características estruturais, densidade e características funcionais das redes sociais e pessoais

	n	M	DP	Mínimo	Máximo
Características estruturais					
Tamanho da Rede	498	8,22	5,26	1	40
Número de campos relacionais na rede	498	1,71	0,78	1	4
Proporção das relações familiares na rede	498	80,61	23,65	0	100
Proporção das relações de amizade na rede	498	10,77	17,52	0	100
Proporção das relações de vizinhança na rede	498	6,13	13,08	0	80
Proporção das relações de trabalho na rede	498	0,58	3,80	0	40
Proporção das institucionais na rede	498	1,25	6,53	0	90,90
Nível de densidade da rede	480	96,68	10,40	26,67	100
Características Funcionais					
Apoio Emocional	498	2,66	0,39	1	3
Apoio Material e Instrumental	498	2,24	0,54	1	3
Apoio Informativo	498	2,39	0,49	1	3
Companhia Social	498	2,34	0,46	1	3
Acesso a novos contactos	498	2,19	0,60	1	3
Reciprocidade de apoio	494	39,88	10,77	10	74
Satisfação com a rede	389	2,85	0,37	1	3
Características relacionais - contextuais					
Frequência de contactos	498	2,16	0,90	1	5
Residência	498	2,80	0,89	1	5
Durabilidade da relação	494	39,88	10,77	10	74
Outras variáveis					
				N	%
Heterogeneidade de género: Sexo na rede					
Heterogénea no género				332	66,7
Homogénea no género feminino ($\geq 75\%$)				120	24,1
Homogénea no género masculino ($\geq 75\%$)				45	9
Heterogeneidade etária: Idade na rede					
Heterogénea na idade				282	56,6
Homogénea no grupo idoso ($\geq 75\%$)				38	7,6
Homogénea no grupo adulto ($\geq 75\%$)				176	35,3
Homogénea no grupo jovem ($\geq 75\%$)				2	0,4
Densidade da rede					
Coesa				443	89
Fragmentada				35	7
Dispersa				1	0,2

Notas: n= número total de sujeitos; M= média; DP= desvio padrão; min.= mínimo; máx.= máximo

Na tabela 5, apresentamos as características estruturais da rede segundo o sexo dos filhos. Através do teste Kruskal-Wallis testou-se a existência de diferenças estatisticamente significativas entre os grupos de idosos com filhos de ambos os sexos, idosos com filhos do sexo masculino e idosos com filhos do sexo feminino, nas seguintes variáveis: tamanho da rede, proporção dos diferentes campos relacionais da rede e o nível de densidade da rede.

Verifica-se apenas uma diferença estatisticamente significativa no tamanho da rede ($p = 0,042$), tendo os teste *post-hoc* demonstrado que é significativamente menor nos idosos com filhos apenas do sexo feminino comparativamente aos que têm filhos de ambos os sexos ($p = 0,012$), não havendo diferenças entre os idosos com filhos de ambos os sexos e do sexo masculino ($p = 0,235$), não havendo diferenças entre idosos com filhos apenas do sexo masculino comparativamente aos idosos com filhos apenas do sexo feminino ($p = 0,208$).

Tabela 5.*Características estruturais da rede segundo o sexo dos filhos*

	Filhos ambos sexos	Filhos só do sexo masculino	Filhos só do sexo feminino	Total	Testes
	n=218 M (DP)	n=125 M (DP)	n=155 M (DP)	N=496 M (DP)	
Tamanho da rede	9,06 (6,08)	7,77 (4,50)	7,42 (4,39)	8,23 (5,26)	H =6,350 p=0,042
Número de campos relacionais na rede	1,67 (0,76)	1,76 (0,81)	1,72 (0,79)	1,71(0,78)	H=0,914 p=0,633
Proporção das relações familiares na rede	82,90 (21,91)	77,89 (25,32)	79,58 (24,44)	80,61 (23,65)	H=3,133 p=0,209
Proporção das relações de amizade na rede	9,87 (17,13)	10,89 (17,82)	11,93 (17,85)	10,77 (17,52)	H=1,798 p=0,407
Proporção das relações de vizinhança na rede	4,84 (11,68)	7,64 (14,10)	6,73 (13,96)	6,13 (13,08)	H=4,729 p=0,094
Proporção das relações de trabalho na rede	0,76 (4,53)	0,17 (1,53)	0,64 (3,94)	0,58 (3,80)	H=1,233 p=0,540
Proporção das relações institucionais na rede	1,18 (4,96)	2,26 (10,30)	0,53 (4)	1,25 (6,53)	H=5,259 p= 0,072
	n=217	n=119	n=144	N=480	
Nível de densidade da rede	97,18 (9,17)	95,85 (10,81)	96,63 (11,75)	96,68 (10,40)	H=2,648 p=0,266

Notas: n= número total de sujeitos; M= média; DP =desvio padrão; H=Kruskal-Wallis; p=nível de significância

Na tabela 6, apresentamos os valores referentes às características funcionais da rede. Utilizamos o teste Kruskal-Wallis para testar a existência de diferenças significativas entre o grupo de idosos com filhos de ambos os sexos, idosos com filhos do sexo masculino e idosos com filhos do sexo feminino relativamente ao nível de apoio (emocional, material e instrumental, e informativo), bem como à companhia social, ao acesso a novos contatos, à reciprocidade e de apoio.

Tendo em conta as características funcionais da rede segundo o sexo dos filhos foram detetadas as seguintes diferenças estatisticamente significativas: *apoio material e instrumental*; ($p = 0,046$), tendo os testes *post-hoc* demonstrado que é significativamente mais elevado nos idosos que têm filhos de ambos os sexos comparativamente aos que tem filhos do sexo masculino ($p = 0,014$), não havendo diferenças entre os idosos com filhos de ambos os sexos e idosos com filhos apenas do sexo feminino ($p = 0,532$), entre os idosos que têm filhos apenas de um dos sexos não houve diferenças ($p = 0,084$); *apoio informativo* ($p = 0,018$), tendo os testes *post-hoc* demonstrado que é menor nos que têm filhos apenas do sexo masculino comparativamente aos que têm filhos de ambos os sexos ($p = 0,008$) e aos que têm filhos apenas do sexo feminino ($p = 0,019$), sendo que não há diferenças entre os idosos que têm filhos de ambos os sexos e os que têm filhos apenas do sexo feminino ($p = 0,944$); *companhia social* ($p = 0,018$), tendo os testes *post-hoc* demonstrado que os que têm filhos de ambos os sexos têm maior companhia social comparativamente aos que têm filhos do sexo masculino ($p = 0,004$), não havendo diferenças entre os idosos com filhos de ambos os sexos e idosos com filhos apenas do sexo feminino ($p = 0,335$), entre os idosos que têm filhos apenas de um dos sexos não houve

diferenças ($p = 0,098$); *reciprocidade* ($p = 0,000$), tendo os testes *post-hoc* demonstrado que é menor nos que têm filhos apenas do sexo masculino comparativamente aos que têm filhos de ambos os sexos ($p = 0,000$) e aos que têm filhos apenas do sexo feminino ($p = 0,018$), sendo que não há diferenças entre os idosos que têm filhos de ambos os sexos e os que têm filhos apenas do sexo feminino ($p = 0,077$).

Tabela 6.*Características funcionais da rede segundo o sexo dos filhos*

	Filhos ambos sexos	Filhos só do sexo masculino	Filhos só do sexo feminino	Total	Testes
	n= 218	n= 125	n= 155	N= 498	
	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)	
Apoio Emocional	2,70 (0,35)	2,61 (0,42)	2,64 (0,42)	2,66 (0,39)	H=3,449 $p=0,178$
Apoio Material e Instrumental	2,29 (0,55)	2,16 (0,52)	2,26 (0,55)	2,24 (0,54)	H=6,145 $p=0,046$
Apoio Informativo	2,42 (0,48)	2,29 (0,50)	2,50 (0,49)	2,39 (0,49)	H=7,992 $p=0,018$
Companhia Social	2,39 (0,45)	2,26 (0,43)	2,34 (0,50)	2,34 (0,46)	H=8,047 $p=0,018$
Acesso a novos contactos	2,21 (0,62)	2,16 (0,57)	2,22 (0,62)	2,20 (0,61)	H=1,034 $p=0,596$
Reciprocidade	3,58 (0,79)	3,19 (1)	3,46 (0,84)	3,44 (0,88)	H=17,337 $p=0,000$

Notas: n= número total de sujeitos; M= média; DP = desvio padrão; H= Kruskal-Wallis; p = nível de significância

Na tabela 7, apresentamos as características relacionais-contextuais da rede segundo o sexo dos filhos.

Tendo em conta as características relacionais e contextuais da rede segundo o sexo dos filhos apenas foi detetada uma diferença estatisticamente significativa na frequência dos contactos ($p = 0,009$), tendo os testes *post-hoc* demonstrado que é significativamente menor nos idosos com filhos apenas do sexo feminino comparativamente aos que têm filhos de ambos os sexos ($p = 0,003$) e aos que têm filhos apenas do sexo masculino ($p = 0,034$), não havendo diferenças entre os idosos com filhos de ambos os sexos e do sexo masculino ($p = 0,561$).

Tabela 7.*Características relacionais-contextuais da rede segundo o sexo dos filhos*

	Filhos ambos sexos	Filhos só do sexo masculino	Filhos só do sexo feminino	Total	Testes
	n= 218	n= 125	n= 155	N= 498	
	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)	
Frequência dos contactos	2,26 (0,90)	2,18 (0,83)	2,01 (0,92)	2,16 (0,90)	H= 9,361 $p= 0,009$
Residência	2,89 (0,88)	2,84 (0,79)	2,65 (0,96)	2,80 (0,89)	H= 4,573 $p= 0,102$
Durabilidade Média das relações com membros da rede	39,34 (9,65)	39,84 (11,04)	40,69 (12,02)	39,88 (10,77)	H= 0,411 $p= 0,814$

Notas: n= número total de sujeitos; M= média; DP = desvio padrão; H= Kruskal-Wallis; p = nível de significância

Após a análise global, partiu-se para a divisão da amostra tendo em conta o sexo dos idosos, sendo criado um subgrupo de idosos do sexo masculino (Tabela 8) e um subgrupo de idosos do sexo feminino (Tabela 9).

Tendo em conta as características das redes no subgrupo dos idosos homens segundo o sexo dos filhos (Tabela 8), apenas uma diferença estatisticamente significativa foi detetada: reciprocidade de apoio ($p = 0,016$), tendo os testes *post-hoc* demonstrado que é significativamente maior nos que têm filhos de ambos os sexos comparativamente aos que têm filhos do sexo masculino ($p = 0,005$), não havendo diferenças entre os idosos com filhos de ambos os sexos e idosos com filhos apenas do sexo feminino ($p = 0,350$), entre os idosos que têm filhos apenas de um dos sexos não houve diferenças ($p = 0,056$).

Tabela 8.

Características das redes dos Homens segundo o sexo dos Filhos

	Filhos Ambos Sexos n=76 M (DP)	Filhos só do Sexo Masculino n=55 M (DP)	Filhos só do Sexo Feminino n=64 M (DP)	Total N=195 M (DP)	Testes
Tamanho da rede	M=8,16; DP=5,36 Min=1; Máx=27	M=7,93; DP=4,59 Min=2; Máx=27	M=7,66; DP=4,71 Min=2; Máx=26	M=7,93; DP=4,92 Min=1; Máx=27	H=0,425 p=0,808
Número de campos relacionais na rede	M=1,74; DP=0,79 Min=1; Máx=4	M=1,76; DP=0,84 Min=1; Máx=4	M=1,67; DP=0,74 Min=1; Máx=4	M=1,72; DP=0,78 Min=1; Máx=4	H=0,251 p=0,882
Proporção das relações familiares na rede	M=80,98; DP=22,29 Min=25; Máx=100	M=81,11; DP=22,11 Min=18,52; Máx=100	M=80,21; DP=23,21 Min=15,39; Máx=100	M=80,77; DP=22,43 Min=15,39; Máx=100	H=0,007 p=0,997
Proporção das relações de amizade na rede	M=11,05; DP=18,08 Min=0; Máx=75	M=12,49; DP=16,70 Min=0; Máx=66,67	M=12,70; DP=19,10 Min=0; Máx=84,62	M=12; DP=17,98 Min=0; Máx=84,62	H=0,765 p=0,682
Proporção das relações de vizinhança na rede	M=6; DP=13,24 Min=0; Máx=61,90	M=4,26; DP=9,03 Min=0; Máx=40	M=6,17; DP=13,76 Min=0; Máx=66,67	M=5,57; DP=12,35 Min=0; Máx=66,67	H=0,288 p=0,866
Proporção das relações de trabalho na rede	M=0,23; DP=1,40 Min=0; Máx=10	M=0,37; DP=2,29 Min=0; Máx=16,66	M=0,26; DP=2,08 Min=0; Máx=16,67	M=0,28; DP=1,91 Min=0; Máx=16,67	H=0,483 p=0,785
Proporção das relações institucionais na rede	M=0,85; DP=4,15 Min=0; Máx=28,57	M=1,55; DP=6,80 Min=0; Máx=40	M=0,65; DP=3,73 Min=0; Máx=25	M=0,99; DP=4,92 Min=0; Máx=40	H=0,492 p=0,782
Durabilidade	M=41,22; DP=10,14 Min=10; Máx=69,25	M=37,80; DP=10,49 Min=14; Máx=65,33	M=40,36; DP=11,38 Min=15,75; Máx=74	M=39,97; DP=10,70 Min=10; Máx=74	H=5,156 p=0,076
Frequência dos contactos	M=2,09; DP=0,80 Min=1; Máx=4,10	M=2,18; DP=0,85 Min=1; Máx=5	M=2; DP=0,94 Min=1; Máx=4,56	M=2,09; DP=0,87 Min=1; Máx=5	H=2,407 p=0,300
Residência	M=2,78; DP=0,91 Min=1; Máx=4,80	M=2,85; DP=0,78 Min=1; Máx=4,50	M=2,61; DP=0,93 Min=1; Máx=4,56	M=2,74; DP=0,88 Min=1; Máx=4,80	H=1,848 p=0,397
Apoio Emocional	M=2,69; DP=0,36 Min=1,70; Máx=3	M=2,57; DP=0,47 Min=1,25; Máx=3	M=2,53; DP=0,47 Min=1; Máx=3	M=2,60; DP=0,43 Min=1; Máx=3	H=4,841 p=0,089
Apoio Material e Instrumental	M=2,32; DP=0,53 Min=1; Máx=3	M=2,13; DP=0,55 Min=1; Máx=3	M=2,21; DP=0,51 Min=1; Máx=3	M=2,23; DP=0,53 Min=1; Máx=3	H=4,524 p=0,104
Apoio Informativo	M=2,48; DP=0,44 Min=1,20; Máx=3	M=2,32; DP=0,48 Min=1,25; Máx=3	M=2,32; DP=0,53 Min=1; Máx=3	M=2,38; DP=0,49 Min=1; Máx=3	H=5,092 p=0,078
Companhia Social	M=2,43; DP=0,47 Min=1,20; Máx=3	M=2,29; DP=0,46 Min=1,20; Máx=3	M=2,31; DP=0,51 Min=1; Máx=3	M=2,35; DP=0,48 Min=1; Máx=3	H=4,138 p=0,126
Acesso a novos contactos	M=2,27; DP=0,63 Min=1; Máx=3	M=2,16; DP=0,58 Min=1; Máx=3	M=2,13; DP=0,65 Min=1; Máx=3	M=2,19; DP=0,62 Min=1; Máx=3	H=2,197 p=0,333
Reciprocidade de apoio	M=3,62 DP=0,72	M=3,18 DP=1,02	M=3,53 DP=0,75	M=3,47 DP=0,84	H=8,299 p=0,016
	n=75	n=53	n=60	N=188	
Nível densidade da rede	M=98,95; DP=11,10 Min=50,59; Máx=100	M=94,71; DP=12,23 Min=50; Máx=100	M=97,29; DP=9,62 Min=46,66; Máx=100	M=96,03; DP=10,98 Min=46,66; Máx=100	H=3,367 p=0,186

Notas: n= número total de sujeitos; H=Kruskal-Wallis; p= nível de significância; M= média; DP= desvio padrão;

min.=mínimo; máx.= máximo

Tendo em conta as características das redes no subgrupo dos idosos *mulheres* segundo o sexo dos filhos (Tabela 9), foram detetadas as seguintes diferenças estatisticamente significativas: tamanho da rede ($p = 0,015$), tendo os testes *post-hoc* demonstrado que é maior nas idosas com filhos de ambos os sexos comparativamente às idosas do sexo feminino ($p = 0,015$), não havendo diferenças entre as idosas com filhos de ambos os sexos e idosas com filhos apenas do sexo masculino ($p = 0,121$), nem diferenças entre as idosas com filhos apenas um dos sexos ($p = 0,254$); *proporções das relações de vizinhança na rede* ($p = 0,005$), tendo os testes *post-hoc* demonstrado que é menor nas idosas com filhos de ambos os sexos comparativamente às que têm filhos apenas do sexo masculino ($p = 0,002$) e às que têm filhos apenas do sexo feminino ($p = 0,017$), entre idosas com filhos do sexo masculino e idosas com filhos do sexo feminino não houve diferenças ($p = 0,366$); *frequência de contatos* ($p = 0,015$), tendo os testes *post-hoc* demonstrado que é maior nas idosas com filhos com ambos os sexos comparativamente com as idosas com filhos apenas do sexo feminino ($p = 0,006$), entre as idosas com filhos de ambos os sexos e as idosas com filhos apenas do sexo masculino não houve diferenças ($p = 0,239$), entre idosas com filhos do sexo masculino e idosas com filhos do sexo feminino não houve diferenças ($p = 0,154$); *apoio informativo* ($p = 0,006$), tendo os testes *post-hoc* demonstrado que é menor nas idosas com filhos do sexo masculino comparativamente às idosas que têm filhos de ambos os sexos ($p = 0,037$) e às idosas que têm filhos apenas do sexo feminino ($p = 0,008$), entre idosas com filhos de ambos os sexos e idosas com filhos do sexo feminino não houve diferenças ($p = 0,294$); *reciprocidade de apoio* ($p = 0,005$), tendo os testes *post-hoc* demonstrado que esta é mais elevada nas idosas com filhos de ambos os sexos comparativamente às idosas com filhos apenas do sexo masculino ($p = 0,001$), não havendo diferenças entre as idosas com filhos de ambos os sexos e filhos apenas do sexo feminino ($p = 0,133$), entre idosas com filhos apenas do sexo masculino ou filhos apenas do sexo feminino não houve diferenças ($p = 0,093$).

Tabela 9.*Características das redes das Mulheres segundo o sexo dos Filhos*

	Filhos Ambos Sexos n= 140 M (DP)	Filhos só do Sexo Masculino n= 70 M (DP)	Filhos só do Sexo Feminino n= 93 M (DP)	Total N=303 M (DP)	Testes
Tamanho da Rede	M=9,53; DP=6,43 Min=2; Máx=40	M=7,84; DP=4,39 Min=2; Máx=26	M=7,15; DP=4,16 Min=1; Máx=27	M=8,41; DP=5,46 Min=1; Máx=40	H=8,383 p=0,015
Número de campos relacionais na rede	M=1,64; DP=0,74 Min=1; Máx=4	M=1,76; DP=0,77 Min=1; Máx=4	M=1,74; DP=0,83 Min=1; Máx=3	M=1,70; DP=0,78 Min=1; Máx=4	H=1,438 p=0,487
Proporção das relações familiares na rede	M=83,75; DP=21,81 Min=0; Máx=100	M=78,42; DP=24,06 Min=9,09; Máx=100	M=77,17; DP=27,83 Min=0; Máx=100	M=80,50; DP=24,43 Min=0; Máx=100	H=3,552 p=0,169
Proporção das relações de amizade na rede	M=9,37; DP=16,70 Min=0; Máx=75	M=8,47; DP=15,42 Min=0; Máx=60	M=12,01; DP=19,07 Min=0; Máx=100	M=9,97; DP=17,20 Min=0; Máx=100	H=1,705 p=0,426
Proporção das relações de vizinhança na rede	M=4,21; DP=10,82 Min=0; Máx=45,45	M=9,80; DP=16,18 Min=0; Máx=80	M=7,41; DP=14,50 Min=0; Máx=66,67	M=6,49; DP=13,52 Min=0; Máx=80	H=10,597 p=0,005
Proporção das relações de trabalho na rede	M=1,06; DP=5,53 Min=0; Máx=40	M=0; DP=0 Min=0; Máx=0	M=0,88; DP=4,77 Min=0; Máx=36,36	M=0,76; DP=4,61 Min=0; Máx=40	H=3,096 p=0,213
Proporção das relações institucionais na rede	M=1,36; DP=5,39 Min= 0; Máx= 40	M=2,80; DP=12,39 Min= 0; Máx= 90,90	M=0,43; DP=4,15 Min= 0; Máx= 40	M=1,41; DP=7,38 Min= 0; Máx= 90,90	H=5,629 p=0,060
	n=139	n=70	n=90	n=299	
Durabilidade	M=38,44; DP=9,26 Min=14,20; Máx=65	M=41,20; DP=11,02 Min=17,92; Máx=65,33	M=40,86; DP= 12,66 Min=10,25 ; Máx=74	M=39,81; DP=10,83 Min=10,25; Máx=74	H=4,008 p=0,135
	n=140	n=70	n=93	n=303	
Frequência dos contactos	M=2,35; DP=0,93 Min=1; Máx=5	M=2,15; DP=0,74 Min=1; Máx=4	M=2,03; DP=0,95 Min=1; Máx=5	M=2,21; DP=0,91 Min=1; Máx=5	H=7,965 p=0,019
Residência	M=2,94; DP=0,87 Min=1; Máx=5	M=2,84; DP=0,80 Min= 1; Máx=5	M=2,68; DP= 0,97 Min=1; Máx=4,56	M= 2,83; DP= 0,90 Min= 1; Máx= 5	H=3,803 p= 0,149
Apoio Emocional	M=2,71; DP=0,34 Min=1,69; Máx=3	M=2,64; DP=0,36 Min=1,50; Máx=3	M=2,69; DP=0,37 Min=1,79; Máx=3	M=2,68; DP=0,35 Min=1,50; Máx=3	H=1,848 p=0,397
Apoio Material e Instrumental	M=2,27; DP=0,55 Min=1; Máx=3	M=2,16; DP=0,50 Min=1; Máx=3	M=2,28; DP=0,56 Min=1; Máx=3	M=2,25; DP=0,54 Min=1; Máx=3	H=3,516 p=0,172
Apoio Informativo	M=2,39; DP=0,49 Min=1; Máx=3	M=2,26; DP=0,51 Min=1; Máx=3	M=2,47; DP=0,45 Min=1; Máx=3	M=2,39; DP=0,49 Min=1; Máx=3	H=7,618 p=0,022
Companhia Social	M=2,37; DP=0,44 Min=1; Máx=3	M=2,23; DP=0,39 Min=1,28; Máx=3	M=2,35; DP=0,49 Min=1,25; Máx=3	M=2,33; DP=0,45 Min=1; Máx=3	H=5,968 p=0,051
Acesso a novos contatos	M=2,17; DP=0,61 Min=1; Máx=3	M=2,16; DP=0,55 Min=1; Máx=3	M=2,28; DP=0,60 Min=1; Máx=3	M=2,20; DP=0,59 Min=1; Máx=3	H=2,061 p=0,357
Reciprocidade de apoio	M=3,55 DP=0,83	M=3,19 DP=0,95	M=3,40 DP=0,91	M=3,42 DP=0,89	H=10,424 p=0,005
	n=140	n=66	n=86	N=292	
Nível densidade da rede	M=97,79; DP=7,98 Min=40; Máx=100	M= 96,90; DP=9,48 Min=60; Máx=100	M=96,12; DP=12,96 Min=26,67; Máx=100	M=97,10; DP=10,00 Min=26,67; Máx=100	H=0,166 p=0,920

Notas: n= número total de sujeitos; H=Kruskal-Wallis; p= nível de significância; M= média; DP= desvio padrão; min.= mínimo; máx.= máximo

Discussão e Conclusão

Visto que o envelhecimento implica uma redução biológica e algumas delimitações na capacidade funcional com o passar dos anos, o professor Pinillos (1994, citado por Bauzá, 1999, p. 52) alude que "la vida humana no sólo es biológica, sino que además es biográfica e histórica".

Segundo Simmons (1969), a velhice é mais um acontecimento social do que uma mera característica fisiológica, isto é, para ele o envelhecimento tem início quando a sociedade onde um indivíduo está inserido o reconhece como uma pessoa idosa e então, a idade social

estipulada como determinação do início da velhice não tem nada a ver com a idade cronológica (Bauzá, 1999).

Pretendeu-se com este estudo analisar as características das redes sociais pessoais dos idosos segundo o sexo dos filhos, analisando comparativamente três subamostras: a dos idosos com filhos de ambos os sexos, a dos idosos com filhos do sexo masculino e a dos idosos com filhos do sexo feminino.

Antes de discutirmos os resultados centrais deste trabalho, importa analisar e discutir brevemente algumas das características sociodemográficas e sociofamiliares pertencentes à nossa amostra.

A amostra deste estudo é constituída por 498 idosos, 303 (60,8 %) do sexo feminino, e 195 (39,2%) do sexo masculino. Com a probabilidade de um individuo poder sobreviver por mais tempo verifica-se, conseqüentemente, o aumento do número dos idosos em termos absolutos. Como as mulheres sobrevivem mais do que os homens, a tendência do envelhecimento é caracterizada essencialmente por uma velhice no feminino. Em 1998, 17,3% das mulheres tinham mais de 65 anos e apenas 12,9% dos homens tinham ultrapassado esta idade (Fernandes, 2001), o que se verifica na amostra deste estudo.

Relativamente ao estado civil observamos que a maioria dos idosos são casados ou vivem em união de facto 290 (58,4%), seguidos dos que são viúvos 179 (36%), em menor número estão os idosos divorciados 23 (4,6%), os idosos solteiros 4 (0,8%), havendo apenas um idoso viúvo em união de facto. Os resultados apresentados devem-se provavelmente ao facto destes idosos terem crescido numa época centrada nas virtudes da família tradicional, uma vez que os idosos inquiridos cresceram num contexto sociocultural rígido, onde o divórcio era menos aceite comparativamente ao contexto sociocultural atual pois, segundo Glick (1984, citado por Carter & McGoldrick, 1995, p. 292), o “divórcio tornou-se e continuará uma variante no estilo de vida de quase metade dos casamentos dos jovens adultos de hoje”, o que implicará futuramente que a taxa de idosos divorciados seja bem mais significativa.

Segundo Carter e McGoldrick (1985, citado por Relvas & Alarcão, 2007, p. 9), “está ficando cada vez mais difícil determinar quais são os padrões (familiares) ‘normais’, e isso é muitas vezes causa de grande estresse para os membros da família que têm poucos modelos para as passagens que estão atravessando”. Esta tendência está refletida no tipo de família quanto à composição, uma vez que a maior parte dos idosos da amostra vivem em casal 193 (38,8%), ou em casal mais família alargada 95 (19,1%), ou ainda o idoso que vive em situação unipessoal 89 (17,9%) e o indivíduo que vive com família mais alargada 72 (14,5%). Isto implica que a maior parte dos idosos não necessite de apoios de serviços, tal como se verifica na amostra uma vez que 389 (78,1%) não necessitam de apoios de serviço. Verifica-se ainda que a maior parte dos idosos desta amostra vive inserido em aglomerado populacional 452 (90,8%).

Segundo Walker, Guillemard e Alber (1993), há um século atrás, famílias de três gerações coabitavam na mesma casa mas, embora atualmente existam mais gerações, é mais comum na sociedade contemporânea um idoso viver só ou com o cônjuge, ainda que os laços afetivos e emocionais com a sua família sejam mantidos (Bazo, 2008). De facto, o que se verifica na nossa amostra é que são mais os idosos que vivem em casal do que os idosos que vivem em situação unipessoal contudo, a percentagem de idosos a viverem em família alargada ainda é bastante acentuada. São muitos os fatores que podem influenciar os elementos de uma família alargada a partilhar a habitação com um idoso, como a idade, o sexo, o estado civil e a saúde (Bazo, 2008), verificando-se, segundo a nossa amostra, que são os idosos que vivem com família mais alargada, os que menos necessitam de apoios de serviço. Verifica-se, também, que estas características sociodemográficas não dependem do sexo dos filhos, uma vez que não são diferentes entre os idosos com filhos de ambos os sexos, com filhos do sexo masculino ou com filhos do sexo feminino. Assim, enquanto algumas destas características sociodemográficas (estado civil, apoio de serviços, zona de residência, tipo de família quanto à composição e o viver só ou não) poderão partir da escolha do idoso, em contrapartida o sexo dos filhos já não é uma escolha uma vez que a fecundação é aleatória.

Centrando-nos nos resultados centrais do estudo, tendo em conta a subdivisão dos idosos segundo o sexo dos filhos, verifica-se nas características estruturais da rede uma única diferença relativamente ao tamanho da rede, sendo que esta é maior nos idosos que tem filhos de ambos sexos. Este resultado pode estar relacionado com o número de filhos em cada subgrupo, já que o tamanho da rede é menor nos idosos com filhos do sexo feminino, seguido dos idosos com filhos apenas do sexo masculino, sendo por sua vez maior no subgrupo dos idosos com filhos de ambos sexos. Assim, este padrão parece seguir o número de filhos existente em cada um destes subgrupos, uma vez que ele aumenta seguindo o mesmo padrão. Nesta situação, o sexo dos filhos parece não influenciar diretamente esta característica em particular, no entanto o facto dos idosos com filhos do sexo masculino poderem ter noras, pode explicar o facto de estes antecederem o subgrupo dos idosos com filhos de ambos os sexos.

É nas às características funcionais das redes que encontramos as diferenças mais assinaláveis, em quatro variáveis: apoio material e instrumental; apoio informativo; companhia social e reciprocidade de apoio, sendo que os resultados parecem indicar uma tendência para serem maiores devido à existência de filhos do sexo feminino. Segundo Huckle (1994), Rodriguez e Castiello (1995), Ford *et al.* (1997) e Paúl (1997), 80% da prestação de cuidados aos idosos são realizadas pelo sexo feminino. Em primeiro lugar pelas filhas, no caso de filhos homens a prestação de cuidados é assegurada pelas noras (Brito, 2002). A separação em subgrupos realizada neste trabalho reforça esta noção. Verifica-se que são os idosos com filhos do sexo masculino os que têm menos apoio nestas variáveis, por sua vez são os idosos com

filhos do sexo feminino os que mais recebem apoio a nível material e instrumental e a nível da companhia social, que se referem à ajuda do dia-a-dia e ao facto de o filho estar presente em situações de necessidade. No que diz respeito ao nível de apoio informativo, que se refere à possibilidade de ter acesso a informações e esclarecimentos, verifica-se o mesmo padrão. Adicionalmente é no subgrupo dos idosos com filhos do sexo feminino que existe maior reciprocidade, pois são estas, que estão mais presentes na vida do idoso, sendo também elas que recebem mais apoio dos idosos. Apesar de, na sociedade contemporânea a mulher passar a ter um papel socialmente mais ativo abandonando os papéis femininos tradicionais, como por exemplo, o de dona de casa, mãe e esposa entre outros, a evolução do papel feminino ainda se encontra muito aquém da igualdade social em relação ao homem (Wall & Amâncio, 2007), estando esta tendência evidente neste estudo.

Por sua vez, tendo em conta as características relacionais – contextuais da rede, apenas a frequência de contactos foi diferente, podendo este facto estar relacionado com o número de filhos já que aumenta com o aumento de número de filhos de cada subgrupo.

Verificou-se ainda que os padrões supra descritos são diferentes se considerarmos redes constituídas apenas por homens ou apenas por mulheres.

Segundo Fischer (1982) e Marsden (1987), as redes dos homens e das mulheres são geralmente semelhantes quanto à sua dimensão (Moore, 1990). Contudo neste estudo foi possível perceber que tendo em conta o sexo dos filhos as redes entre homens e mulheres são um pouco diferentes.

Nas redes da subamostra dos homens só houve diferenças na reciprocidade de apoio, sugerindo a influência do sexo feminino nesta variável, já que se destaca maior reciprocidade nos idosos com filhos de ambos os sexos e idosos com filhos do sexo feminino.

Em redes constituídas apenas por mulheres, para além de haver diferenças na reciprocidade de apoio que segue o mesmo padrão das redes constituídas apenas por homens, houve também diferenças noutras variáveis. O tamanho da rede que tal como anteriormente parece ser influenciada pelo número de filhos. Relativamente às proporções das relações de vizinhança na rede, a necessidade de estabelecer contacto com a vizinhança é maior nas idosas com filhos apenas do sexo masculino, diminuindo nas idosas com filhos apenas do sexo feminino, destacando-se a menor proporção nas idosas com filhos de ambos os sexos. Segundo Booth (1972), Depner e Ingersoll (1982), Keith (1983) e Kohen (1983), as mulheres têm relações mais sólidas e mais íntimas do que os homens (estudos *citados por* Hatch & Bulcroft, 1992). Realmente no nosso estudo, os dados sugerem que o facto do inquirido ser do sexo feminino e na ausência de filhos do sexo feminino, faz com que o contato com a vizinhança seja mais procurado. Adicionalmente este resultado parece indicar que a presença de filhos do sexo feminino diminui a necessidade de alargar a rede a relações de vizinhança. Quanto à frequência

de contactos, esta é menor nas idosas com filhos apenas do sexo feminino ou apenas do sexo masculino, sendo mais elevada nas idosas que têm filhos de ambos os sexos. Por último, no apoio informativo, o subgrupo com menor apoio é o das idosas com filhos apenas do sexo masculino, mostrando que é a existência de filhos do sexo feminino que leva a um maior apoio.

Conclui-se assim que apesar do número de filhos poder exercer influência nalgumas características das redes, o que se destaca neste trabalho é o impacto da existência dos filhos do sexo feminino na grande parte das diferenças detetadas nas redes.

Esta noção é reforçada pelo facto de redes sociais constituídas apenas por mulheres apresentarem maior número de diferenças relativamente as redes constituídas apenas por homens.

Segundo Greenglass (1982), Verbrugge e Wingard (1987), as diferenças de género na rede social e apoio social foram debatidas por vários autores. Assim, para Bell (1981, *citado por* Knoll & Schwarzer, 2002 p. 3), “throughout the life-cycle, women generally have more close friends than men”. No entanto, para Belle (1989), Maccoby (1966), Wheeler e Nezlek (1977), logo na infância, as meninas tendem a fortalecer relações interpessoais mais íntimas do que os rapazes. Já para Kessler, McLeod e Wethington (1985), as mulheres estendem mais apoio emocional quer a homens como a mulheres, recebendo igualmente mais ajuda em troca. Tais discrepâncias concentram-se geralmente nas diferenças de género, na emotividade e na expressividade emocional. Também segundo Bell (1981), Burke e Weir (1977), as mulheres espalham mais intimidade e autorrevelação nas suas amizades, e são usualmente mais empáticas e expressivas (Knoll & Schwarzer, 2002). Em suma, parece que as mulheres investem mais de si mesmas na vida dos seus familiares e amigos, do que os homens.

Bibliografia

- Alarcão, M. (2000). *(Des)Equilíbrios familiares*. Coimbra: Quarteto.
- Andrade, A. & Martins, R. (2011). Funcionalidade Familiar e Qualidade de Vida dos Idosos. *Millenium*, 40: 185-199.
- Araújo, C., Cardoso, C., Moreira, E., Wegner, E., Areosa, S. (2012). Vínculos Familiares e Sociais nas Relações dos Idosos. *Revista Jovens Pesquisadores*, Santa Cruz do Sul, n. 1, pp. 97-107.
- Barrón, A. (1996). *Apoyo social: aspectos teóricos y aplicaciones*. Madrid: Españã Editores.
- Bauzá, J. (1999). Vejez, Representación Social y Roles de Género. Universitat de les Illes Balears. *Educació i Cultura* 12, 47-56.
- Bazo, M. (2008). Personas mayores y solidaridad familiar: Eldarly Persons and Family Solidarity. *Política y Sociedad*, Vol. 45 Núm.2: 73-85.
- Bernardes, M. (2007). Conselhos de Representação: Espaços para os Idosos se Organizarem na Defesa de seus Direitos. *Revista Kairós*, São Paulo, 10(2), pp. 107-121.
- Brito, L. (2002). *A saúde mental dos prestadores de cuidados a familiares idosos*. Coimbra: Quarteto.
- Caldas, C. (2003), "Envelhecimento com dependência: responsabilidades e demandas da família", *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro vol.19(3), pp.773-781.
- Camarano, A. & Ghaouri, S. (2002). Famílias com Idosos: ninhos vazios? Trabalho apresentado no XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, realizado em Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil.
- Carter, B. & McGoldrick, M. (1995). *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar: Uma estrutura para a terapia familiar*. São Paulo: Artmed.
- Fernandes, M. (2001), "Velhice, Solidariedades Familiares e Políticas Social: itinerário de pesquisa em torno do aumento da esperança de vida". *Sociologia – Problema e Práticas*, nº36, pp.39-52.
- Figueiredo, D. (2007). *Cuidados Familiares ao idoso dependente*. Lisboa: Climepsi
- Freitas, M., Queiroz, T., Sousa, J. (2010). O significado da velhice e da experiência de envelhecer para os idosos. *Revista Escola Enfermagem USP*, 44(2), p. 407-412.
- Gonçalves, L., Alvarez, A., Sena, E., Santana, L., Vicente, F. (2006). Perfil da Família Cuidadora de Idoso Doente/Fragilizado do Contexto Sociocultural de Florianópolis. *Texto Contexto Enfermagem*, Florianópolis, 15(4), p. 570-577.
- Guadalupe, S. (2001). Intervenção em Rede e Doença Mental. Comunicação apresentada no II Encontro de Serviço Social em Saúde Mental: Novas Perspetivas, organizado pelo Serviço Social do Hospital Sobral Cid.
- Guadalupe, S. (2003). Programa de rede social: Questões de intervenção em rede secundária. *Interacções*, 5, 67-90.

- Guadalupe, S. (2009). *Intervenção em rede: serviço social, sistémica e redes de suporte social*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Hatch, L. & Bulcroft, K. (1992). Contact with Friends in Later Life: Disentangling the Effects of Gender and Marital Status. *Journal of Marriage and Family*, Vol. 54, No. 1, pp. 222-232.
- INE – Instituto Nacional de Estatística (2014). Censos 2011 – Dia Mundial da População. *Destaque*. Lisboa: Instituto nacional de Estatística, I.P.
- Knoll, N. & Schwarzer, R. (2002). Gender and Age Differences in Social Support: A Study of East German Migrants. Freie Universität Berlin, Department of Health Psychology, Habelschwerdter Allee 45 14195 Berlin, Germany. Disponível em: <<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/summary?doi=10.1.1.535.5500>> Acesso em: 06 Outubro 2015
- Martins, R. (2005). A relevância do apoio social na velhice. *Educação, Ciência e Tecnologia*, pp. 128-134.
- Mendes, E. (2011). Redes Sociais Pessoais e Perceção da Qualidade de Vida das Crianças e Jovens Institucionalizados – O papel das Famílias Amigas. Tese de Mestrado Integrado em Psicologia. Universidade do Minho.
- Moore, G. (1990). Structural Determinants of Men`s and Women`s Personal Networks. *American Sociological Review*, Vol. 55, 726-735.
- Rodrigues, M. (2000). “Já não tenho família”. Universidade de Coimbra, Atas do IV Congresso Português de Sociologia.
- Pimentel, L. (2001). *O Lugar do Idoso na Família: contextos e trajetórias*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Pinto, P. (2012). A Crise de Cidadania da Pessoa Idosa: O Imperativo de um Estatuto do Idoso em Portugal. *Interações*, 23, 51-62.
- Portugal, S. (2014). *Famílias e Redes Sociais: Ligações Fortes na Produção de Bem-estar*. Coimbra: Almedina.
- Relvas, A. & Alarcão, M. (2007). *Novas Formas de Família*. Coimbra: Quarteto
- Silva, M. (2011). Relações entre pais e os filhos na Velhice. O caso dos idosos institucionalizados no Lar S. Vicente de Paulo. Tese de Mestrado em Gerontologia Social Aplicada. Universidade Católica Portuguesa Centro Regional de Braga. Faculdade de Ciências Sociais.
- Vicente, H. & Sousa, L. (2012). Relações intergeracionais e intrageracionais: a matriz relacional da família multigeracional. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, 15, 99-117. São Paulo (SP), Brasil.
- Wall, K. & Amâncio, L. (2007). *Família e Género em Portugal e na Europa*. Imprensa de Ciências Sociais.